

Editorial

Organized we will stay
‘Cause living is not a benefit
Your pretention of control
Has found and imminent end
Must respect existence
Or expect resistance

(ao som da banda brasileira de Thrash Metal Violator)

“Maestros, músicos, cantores
Gente de todas as cores
Façam esse favor pra mim
Quem souber cantar que cante
Quem souber tocar que toque
Flauta, trombone ou clarim
Quem puder gritar que grite
Quem tiver apito, apite
Faça esse mundo acordar”

(ao som de “Um favor”, de Lupicínio Rodrigues, na voz de Gal Costa)

Este número é fruto de uma enorme quantidade de encontros. Múltiplos, transversais, menores, ecosófico. É fruto de um esforço que realizamos para tentar expor e ressoar, pelo maior tempo possível, todas – ou a maior parte – as boas contribuições que foram dadas por nossos colegas durante o I Congresso Internacional de Educação: (In)quietudes e fronteiras em conhecimentos e práticas educacionais, que ocorreu no mês de outubro de 2016, na Cidade Universitária “Aldo Vannucchi”, da Universidade de Sorocaba, em Sorocaba, Estado de São Paulo, Brasil. O Congresso aconteceu graças a uma ampla rede de solidariedade, de camaradagem e de empenho de muitas pessoas e instituições a quem de imediato gostaríamos de agradecer profundamente. E novamente...

O Congresso ocorreu num dos momentos mais delicados da sociedade brasileira pós-ditadura civil-militar. Momento que, ao invés de ter dado trégua, se intensifica e amplia ainda mais a crise política, econômica, social, cultural e ambiental na qual o país está mergulhado há alguns anos. Foi uma ocasião para enfatizarmos, mais uma vez, nosso compromisso com a

educação naquilo que ela tem de mais evidente: a sua capacidade de transformar o mundo, de combater as injustiças, de construir e de consolidar sociedades democráticas e de direitos.

Tivemos conosco, naqueles três dias, a possibilidade de conviver e trocar experiências, sensibilidades e alternativas com colegas vindos de vários países e de várias regiões de Brasil, que trouxeram consigo as experiências e os desafios do tempo presente.

Nosso Congresso pretendeu ser uma possibilidade da pedagogia dos (des)encontros, da pedagogia das re(exis)tências, dos subterrâneos e de tantas outras pedagogias ainda não denominadas que emergem entre os iguais na diferença e entre os diferentes na igualdade. Pretendeu ser um espaço onde se pudesse respirar, conversar e compartilhar sensibilidades e responsabilidades através da expressão de nossas práticas sociais e pedagógicas cotidianas, como sugere a estimada professora Nilda Alves, espaçostempos com as mais diversas linguagens que a práxis pedagógica contemporânea nos permite atravessar e experimentar.

O Congresso ocorreu no momento em que, através de medida provisória e sem o devido debate com a sociedade brasileira, o atual governo vem modificando a estrutura, o currículo e as bases conceituais, políticas e pedagógicas do ensino médio, eliminando a educação física e as artes, e separando ainda mais as áreas, as quais, ao se fixar cada vez mais nos rincões e guetos da ciência, impedem a ampla troca dialógica entre os saberes e as diferenças que constantemente constroem o conhecimento humano. Nós tentamos explicitar nossa posição, através de nossos trabalhos, que enfatizam exatamente o contrário. Nossos posicionamentos pedagógicos e políticos passam pelas opções temáticas e pelas múltiplas vozes/corpos/linguagens/idiomas/sotaques que foram visibilizadas durante o evento.

Apostamos nos devires que os e as estudantes das escolas públicas de todo o Brasil têm nos evidenciado nesses últimos anos. Apostamos no compromisso político de cada professor e professora com a justiça, com a autonomia e com a liberdade. Apostamos nos coletivos que se (auto)organizam, resistem e se indignam frente as tentativas de aniquilação da vida e ao predomínio da “vida besta” (PELBART, 2009). Apostamos nos artistas e esportistas e contamos com a colaboração e cumplicidade de ginastas, cineastas, músicos, atores, fotógrafos e poetas... Apostamos nos movimentos sociais e comunitários. Apostamos na infância. Continuamos com o compromisso de ressignificar e contemporanizar a educação em constante mergulho no legado de Paulo Freire.

Aliás, como potencializadores e intérpretes brasileiros do legado de Paulo Freire, temos a obrigação de comunicar aos colegas latino-americanos o vilipêndio e a difamação que se ampliam no Brasil contra a memória e a obra do pensador, por grupos políticos vinculados aos setores hegemônicos da sociedade brasileira, que veem na sua energia e dialogicidade uma ameaça aos seus interesses de dominação e exploração da população excluída e marginalizada. Entre os ataques à democracia e à educação dialógica, encontra-se um projeto inconsequente e aterrador, chamado “Escola Sem Partido”, que visa perseguir professores e professoras vinculados afetiva e politicamente ao pensamento de Paulo Freire.

Nesse sentido, é pertinente lembrar o que ele escreveu e que se encontra no livro *Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos* “Por mais que se apregoe hoje que a educação nada tem que ver com o sonho, mas com o treinamento técnico dos educandos, continua de pé a necessidade de insistirmos nos sonhos e na utopia. Mulheres e homens, nos tornamos mais do que puros aparatos a serem treinados ou adestrados. Nos tornamos seres da opção, da decisão, da intervenção no mundo. Seres da responsabilidade” (FREIRE, 2000, p. 128).

Por isso, são tão pertinentes as epígrafes dessa apresentação, com a banda brasileira de Thrash Metal, Violator, que sempre enaltece a força rebelde e combativa dos movimentos underground, ao gritar “Respect the existence, or expected resistance” (Respeite a existência, ou espere resistência); e com um trecho da música “Um favor” do compositor brasileiro Lupicínio Rodrigues, na voz de Gal Costa, intérprete de música popular brasileira, pedimos às “gentes de todas as cores ... façam este mundo acordar”!

Referências

- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: UNESP, 2000.
- PELBART, Peter Pal. Vida nua, vida besta, uma vida. **Euphorio**, Medellin, v. 1, p. 34- 42, 2009.

Novembro 2017

Profa. Dra. Alda Regina Tognini Romaguera
 Editora